

## **FMI muda mapa da crise**

*Patrícia Moderno*

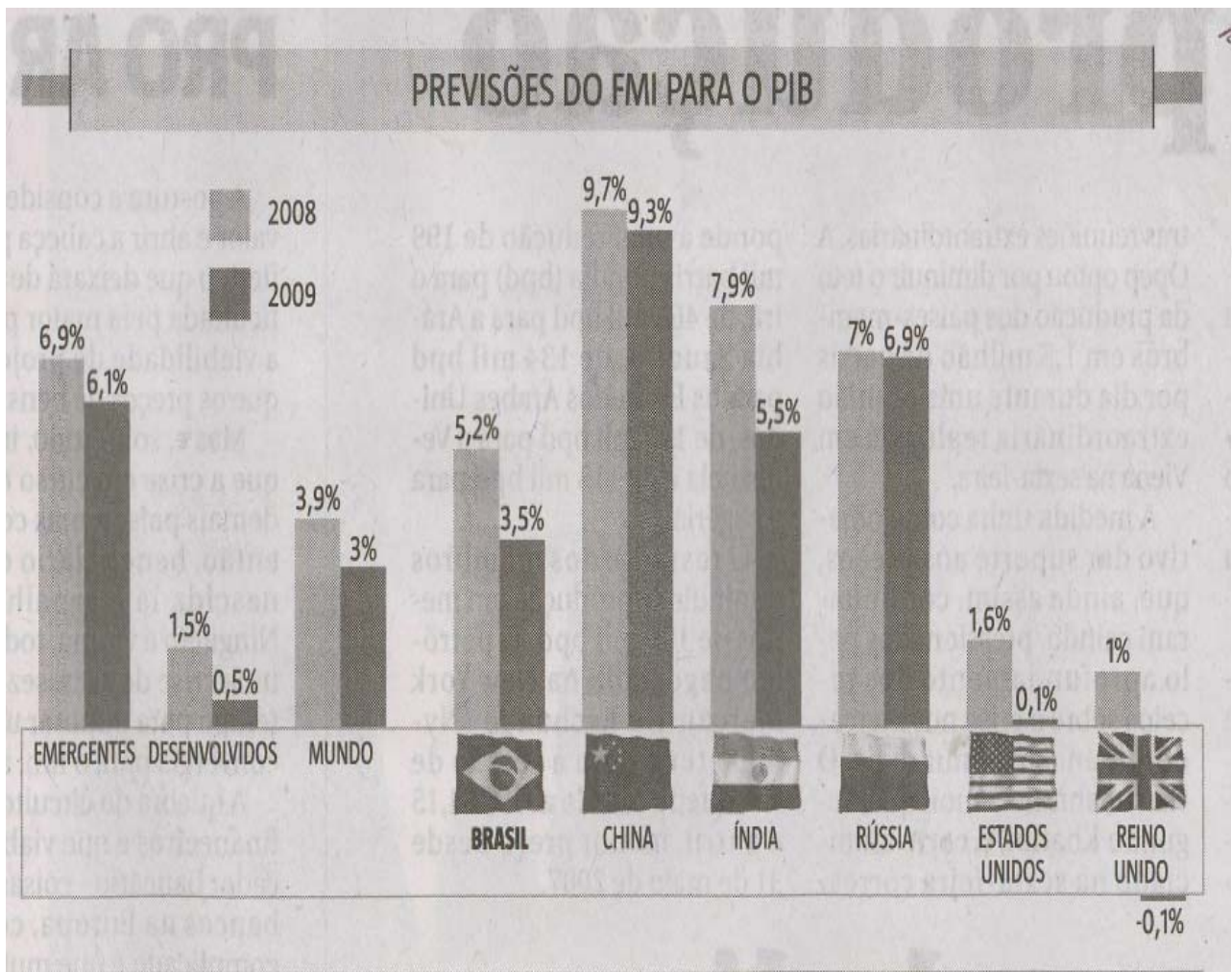
As cores que pintam o mapa do Fundo Monetário Internacional (FMI) dividem-se em dois tons, mas poderiam separar também dois tipos de países: os que vão crescer menos e os que serão engolidos de vez pela recessão. No mapa, estão as estimativas dos economistas do fundo para o crescimento no ano que vem. Países do hemisfério norte, como Estados Unidos, França, Espanha, Japão assumem um tom verde cinzento, que indica uma taxa de crescimento baixa ou até mesmo negativa. Já as nações que, ironicamente, ganham tons avermelhados respirarão aliviadas e passarão por mais uma crise financeira, talvez a maior do pós-guerra.

Não será um caminho fácil, avisam os economistas. Queda nas vendas, redução da atividade e paralisia no mercado de trabalho são alguns dos sintomas que deverão ser sentidos no Brasil. Mas, de longe, não passa perto do que ocorrerá em outros países. Neste momento, economistas observam com lupa o futuro de alguns países do leste europeu, como a Hungria, cujo déficit no balanço de pagamentos e compromissos de curto prazo em moeda estrangeira colocam em xeque o futuro de uma economia que experimentou uma média de crescimento de acima de 4% na última década. Também estão no foco dos analistas as economias de Islândia, Reino Unido, Japão e, claro, Estados Unidos, países onde o setor real já mostra os primeiros sinais de que a crise chegou para ficar até, pelo menos, 2010. O prazo vale, principalmente, para as sete maiores economias do mundo, o G7.

Os reflexos dessa crise sobre a economia são duradouros e não levará menos de dois anos para que o mundo se recupere. Mas a volatilidade, essa sim, vai passar – opina o economista-chefe do Banco Itaú, Tomás Málaga. - Em 2009 e 2010, o Brasil crescerá abaixo do seu potencial. A cadeia de crédito está mais fechada e com condições mais difíceis. Isso deve levar a uma queda dos preços das exportações e a uma redução da demanda externa. Mas os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), em geral, estão em boa situação. Haverá uma desaceleração, mas muito menos intensa do que nas economias desenvolvidas.

Grandes empresas exportadoras brasileiras, como a Companhia Vale do Rio Doce, já colocaram em suas contas a possibilidade de a crise afetar as vendas no exterior. No relatório divulgado em 23 de outubro, sobre os resultados do 3º trimestre, há informações que indicam que a mineradora está atenta ao que acontece sobretudo na China e que pode haver uma redução na demanda por seus produtos.

"A combinação de dois choques, decorrentes da crise nos mercados financeiros e do aumento dos preços de alimentos e energia, está provocando desaceleração na atividade econômica global à medida em que se reduz significativamente o crescimento dos países desenvolvidos e a expansão dos mercados emergentes perde ímpeto, enfraquecendo a demanda por minerais e metais", diz a nota enviada à imprensa, que mais adiante prossegue da seguinte maneira: "Esperamos a continuação da desaceleração econômica global, com o ritmo de crescimento caindo no curto prazo ao nível observado na recessão de 2001. Esperamos que uma recuperação gradual comece no 2º semestre de 2009, com a expansão global voltando à tendência de longo prazo possivelmente apenas em 2010".



Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 out. 2008, Primeiro Caderno, p. A-5.